

O título deste artigo é uma frase da língua enxadrística portuguesa. Traduzido para a língua da conversação, diz aproximadamente: "No quinto lance de uma dada partida o cavalo preto come o bispo branco. Na opinião do comentarista da partida, isto representa um erro cometido pelo jogador." Os ideogramas que compoem o título deste artigo revelam o seu "significado" e tornam-se "compreensíveis" quando traduzidos da camada enxadrística para a camada conversacional da língua portuguesa. O propósito do presente artigo é convidar o leitor para uma breve contemplação desses ideogramas e provocar uma atitude um tanto heterodóxa face ao "significado". O problema do significado está no centro de toda uma corrente filosófica atual, a qual o ataca de um ponto de partida formal e semântico, a partir da lógica portanto. O convite que o presente artigo estende ao leitor representa uma tentativa de existencializar esse ataque, de torna-lo vivencialmente sobrevivível e transformar o problema do significado em assunto palpitante.

Façamos de conta, ao contemplarmos o título deste artigo, que ignoramos tudo a respeito do xadrez e a respeito dos ideogramas que o significam. Façamos mais: tentemos encarar o título como se fossemos (a) marcianos, (b) datilógrafos e (c) analfabetas. Trata-se de um esforço de representar as três personagens propostas numa espécie de experiência existencial "ad hoc" construída. Qual é o resultado desse esforço? Se fossemos marcianos recém aterrizados, o título deste artigo seria, para nós, um entre os fenômenos terrestres que nos confrontam. A pergunta "o que significa?" surgiria somente no sentido de perguntas como: "o que significa um cachorro ou uma nuvem?" Com o tempo elaboraríamos provavelmente uma teoria para explicar os fenômenos terrestres, e enquadraríamos o título deste artigo no conjunto da teoria. Diríamos, por exemplo, que o título é uma secreção das máquinas impressoras de jornal, como a teia é uma secreção da aranha. Desta forma teríamos compreendido o título, e o título terá adquirido, neste sentido, um significado. Outras teorias, mais completas ou mais simples, aprofundarão esse significado. Se fossemos datilógrafos, o título deste artigo seria, para nós, um amontoado de tipos produzido por teclas de uma máquina de escrever ao acaso. São tipos díspares, números, e pontos, e letras, e não seguem nem regra nem ritmo. Evidentemente, o título deste artigo não tem significado. Se fossemos analfabetas, o título seria, para nós, parte de um sistema chamado "escrita". Sabemos que esse sistema tem significado para os iniciados que possuem o seu segredo, significado esse para nós impenetrável. Temos observado pessoas imersas na contemplação prolongada desse sistema, e sabemos que o seu significado é traduzível para a "língua da gente", embora muitas vezes essa própria língua seja incompreensível, por demasiado difícil. O título deste artigo deve ter, portanto, um signifi-

O NOME FLUSSER
O NOME FLUSSER
O NOME FLUSSER

VILÉM FLUSSER

cado acessível ao iniciado, mas provavelmente difícil demais para a compreensão da gente.

O resultado da nossa experiência existencial é curioso. O mesmo fenômeno, (o título deste artigo), é encarado de quatro maneiras radicalmente diferentes. Para o enxadrista, é ele uma organização de ideogramas, de símbolos que apontam, de maneira unívoca, para uma "realidade" que é uma partida de xadrez. É ele um espelho dessa realidade, e é verdadeiro, se espelha fielmente uma dada situação dessa realidade, e falso, se a espelha de maneira distorcida. O ideograma "?" representa um juízo subjetivo a respeito dessa realidade, e os demais ideogramas representam um juízo objetivo. Podemos, portanto, a partir de uma análise do título deste artigo, construir toda uma teoria da verdade. Em todo caso, o título é significativo, seja ele verdadeiro ou não, porque é composto de símbolos que "intendem uma realidade". Para o marciano, o título é um fenômeno da "realidade terrestre", e, para ser compreendido, precisa ser simbolizado. É preciso formar juízos a respeito dele na língua marciana, juízos esses que o espelharão mais ou menos fielmente. O título adquirirá o seu significado nesses juízos, de modo que, a rigor, devemos dizer que ele não "tem significado", mas "deve ser significado". Para o datilógrafo, é o título composto de símbolos vazios. Nada representam esses símbolos, não apontam para realidade nenhuma, são com efeito rabiscos que se dão ares de significar algo. O título deste artigo não é portanto nem verdadeiro, nem falso, é "nonsense", e é absurdo querer compreendê-lo. Para o analfabeta o título é um mistério composto de símbolos que apontam para uma realidade encoberta. Árduo é o caminho da iniciação nesse mistério, árduo mas não impossível. Muitos o penetraram, embora talvez ninguém totalmente. Mas essa penetração progressiva deverá revelar a realidade encoberta e fazê-la resplandecer em toda a sua beleza misteriosa.

Peço agora que o leitor me acompanhe num salto. Não pergunto mais: "O que significa o título deste artigo?" mas "O que significa a vida humana?" É uma outra maneira, um tanto preciosa, de perguntar: "Por quê vivo?". Submito que a resposta a essa pergunta está contida, em esboço, nas quatro atitudes acima expostas. Sugiro que "o significado da minha vida" é um problema que tem algo a ver com "o significado do título deste artigo" e que depende da minha atitude: se assumo o papel de marciano, de datilógrafo, de analfabeta ou de enxadrista ante a vida. Proponho um esboço rápido dessas quatro atitudes neste novo contexto.

A atitude do datilógrafo é a mais simples. A minha vida, isto é eu e a minha circunstância, é um amontoado de instantes, e é absurdo querer procurar nesse amontoado algum significado. A própria pergunta "O que significa

VILÉM FLUSSER

tudo isto?" é absurda. É verdade que algumas das minhas vivências se dão ares de serem significativas. Algumas vezes tenho a impressão de que há algo atrás de tudo isto, de que signifique algo além de mim, e de que o que me acontece significa algo além de si, mas essas impressões são desmentidas pela absurdidade total da minha vida. Tentar procurar um significado em tudo isto é tentar fugir ao absurdo do "nonsense" que é a minha vida. A minha dignidade reside justamente no aceitar esse "nonsense" e no viver assim mesmo e a despeito disto.

A atitude do marciano é bem mais complexa. Não se trata, para ele, de um significado que a vida "tem", mas trata-se de dar significado à vida. Depende de mim, se dou ou não esse significado. A vida não passa da matéria prima sobre a qual imprimo o significado. Posso fazê-lo de maneira progressiva, de modo que o significado se torne sempre mais profundo. Dar significado é sinônimo de "conhecer", e quanto mais conheço, tanto mais significativo torno tudo. É nos símbolos do meu conhecimento, no meu espírito em expansão portanto, que reside o significado.

A atitude do enxadrista é a mais radical: para ele não há problema. A vida humana não passa de um símbolo claro e unívoco de uma realidade ulterior, e o problema reside no adaptar a vida a essa realidade. Porque, estando nós imersos dentro da vida, perdemos às vezes a visão dessa realidade ulterior e caímos em erro. A vida boa, a vida santa, a vida verdadeira é aquela que se submete, humildemente, à realidade que lhe dá significado. Se perco de vista essa realidade, a minha vida perde o seu significado, como demonstram as atitudes do datilógrafo e do marciano. A diferença é que o datilógrafo o admite, enquanto o marciano tenta negá-lo. O contato contínuo com a realidade ulterior refuta essas duas atitudes e proporciona uma escala pela qual posso distinguir, entre os símbolos que perfazem a vida, os falsos dos verdadeiros.

A atitude do analfabeta é, se analisada um pouco mais cuidadosamente, um reunir e um superar das três atitudes anteriores. Como o datilógrafo, o analfabeta não vê significado na vida. Como o marciano, procura conhecer o significado. Como o enxadrista, aceita algo ulterior à vida. Do ponto de vista do datilógrafo, é o analfabeta um absurdo. Do ponto de vista do marciano, é ele um mistificador. Do ponto de vista do enxadrista, é um ignorante. Mas o analfabeta não pode aceitar a atitude do datilógrafo, porque o caráter simbólico da vida é demasiadamente evidente. Não pode aceitar a atitude do marciano, porque esse caráter simbólico aponta, evidentemente, para além da vida. E não pode aceitar a atitude do enxadrista, porque nunca assistiu a uma partida de xadrez, nem sabe para que ela serve. Pode, isto sim, simpatizar com o datilógrafo, admirar o marciano em sua tentativa de "conhecer", e in-

veja o enxadrista. Mas, por ser ignorante o analfabeta, será a simpatia que sentirá pelo datilógrafo um tanto misturada com nojo, a admiração pelo marciano um tanto misturada com desprezo, e a inveja pelo enxadrista um tanto misturada com soberba. Porque, no fundo, o analfabeta é um orgulhoso. Está se sentindo digno de ser iniciado no mistério da vida. As demais atitudes ignoram que se trata de um mistério, e são portanto ainda mais ignorantes que a dele. Ele sabe que nada sabe, e os outros nem sabem isto. No fundo é o analfabeta, embora talvez o mais perplexo, também o mais convencido.

Quais dessas quatro atitudes é a mais "certa"? Eis a pergunta que o leitor responderá por si mesmo, e responderá de acordo com a atitude que está representando no palco da vida. Porque todos nós, sabemos disso ou não, estamos representando uma das quatro atitudes. O presente artigo não procurou esconder sua afinidade com o analfabeta, embora tenha procurado superála irônicamente. A honestidade do datilógrafo, a beleza das teorias do marciano e a certeza do enxadrista são vedadas ao presente articulista, porque as considera "insignificantes". Mas nada tem a oferecer em compensação, a não ser a ignorância e o tremor do mistério de tudo.